

DIFERENTES INSTRUMENTOS AVALIATIVOS: inovar para promover aprendizagem

STELA DE JESUS

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)

Resumo

Este trabalho é fruto de experiência docente da autora em sua prática na Educação Básica no Instituto Federal da Bahia, Campus Brumado. O objetivo desse trabalho é refletir sobre o uso de diferentes instrumentos avaliativos e como estes podem contribuir para a aprendizagem significativa de conteúdos da Geografia Física. O método de abordagem utilizado na produção deste artigo é o Dialético e o método de procedimento é o Estudo de Caso. Tal prática trouxe a tona algumas reflexões sobre o desenvolvimento, elaboração e resultados obtidos após disponibilização de três instrumentos avaliativos nas turmas de 1º ano do Ensino Médio Técnico em Informática e Edificações. Os estudantes foram orientados a escolherem uma das três avaliações (maquete, paródia, relatório de aula prática) e após elaboração deveriam apresentar o instrumento avaliativo em sala de aula. O aprendizado pode ser perceptível nas quatro turmas, houve grande envolvimento, porém, foram observadas algumas dificuldades na elaboração de alguns dos instrumentos e a atividade com maior quantidade de produção foram as maquetes, o que gerou uma reflexão sobre resíduos produzidos.

Palavras-chave: Aprendizagem Significativa; Avaliação; Geografia Física; Prática docente.

2657

Abstract

This article is the result of the author's teaching experience in her practice in Basic Education at the Federal Institute of Bahia, Campus Brumado. The objective of this work is to reflect on the use of different assessment tools and how they can contribute to the meaningful learning of Physical Geography content. The approach method used in the production of this article is Dialectic and the procedure method is Case Study. This practice brought to light some reflections on the development, elaboration and results obtained after making three assessment instruments available in the 1st year classes of Technical High School in IT and Buildings. Students were instructed to choose one of the three assessments (model, parody, practical class report) and, after elaboration, they should present the assessment instrument in the classroom. Learning can be noticeable in the four classes, there was great involvement, however, some difficulties were observed in the elaboration of some of the instruments and the activity with the greatest amount of production was the models, which generated a reflection on the waste produced.

Keywords: Meaningful Learning; Assessment; Physical Geography; Teaching practice.

Introdução

Ensinar nos dias atuais tem se tornado uma tarefa difícil devido a velocidade e o acesso fácil às informações, graças ao avanço tecnológico. Para os discentes algumas atividades se tornam enfadonhas e desnecessárias. Para o docente manter-se atualizado em termos tecnológicos e tornar o ensino-aprendizagem um processo prazeroso para uma turma de adolescentes tem sido uma tarefa que exige de si manutenção, constante dedicação, maior tempo de preparação e criatividade para fazer atividades mais lúdicas em sala de aula.

Por mais que seja necessária uma maior dedicação de tempo para tais práticas, os resultados obtidos podem ser prazerosos e satisfatórios tanto para os estudantes quanto para os docentes. É importante perceber e anotar os objetivos e resultado obtidos de todo o processo avaliativo para que se possa ter uma noção de quais práticas/instrumentos colaboram ou não para a aprendizagem.

Para prática docente analisada neste artigo, os estudantes das quatro turmas de 1º ano (sendo 2 do curso técnico em Edificações e 2 do curso técnico em Informática) foram orientados a produzirem um material no qual seriam avaliados por meio do processo de construção e apresentação do produto final.

No Instituto Federal acima citado, as disciplinas que possuem carga horária com duas aulas semanais devem aplicar até três instrumentos avaliativos para nota total da unidade, sendo que cada instrumento tem valor igual a 10 (dez).

No caso da disciplina Geografia, na segunda unidade do ano letivo de 2023, os estudantes foram orientados a escolher um entre três instrumentos disponibilizados para as turmas, o qual seria o terceiro instrumento avaliativo da referida unidade. Os três instrumentos avaliativos disponibilizados para a escolha foram: **Construção de Maquete**, que poderia ser do relevo, das placas tectônicas ou da estrutura do interior da Terra; **Elaboração de Paródia**, que poderia ser feita usando como base qualquer música para explicar um dos conteúdos de Geografia abordados na unidade em questão; **Elaboração de Relatório de Aula Prática**, o qual seria um relatório da aula realizada no laboratório de Geologia do Campus com a participação de uma professora geóloga e um professor geofísico.

Os conteúdos de Geografia trabalhados na II Unidade foram: Origem da Terra; Estrutura Geológica; Relevo; Solos, Rochas e Minerais; Vegetação e Clima. A partir da abordagem dos conteúdos é que os estudantes poderiam elaborar seu instrumento avaliativo,

culminando na apresentação do material elaborado individualmente ou em dupla para sua turma.

Foram observadas no processo de construção da avaliação algumas dificuldades, queixas e não aceitação em grande quantidade do instrumento avaliativo “relatório de aula”. Assim, a maioria dos estudantes optou pela construção de maquete e paródia, e pela produção em dupla em vez de individual.

Aprender e ensinar Geografia: avaliação como processo de aprendizagem

Durante toda a minha trajetória enquanto docente sempre fui motivada a tentar elaborar metodologias diversas e atividades diferentes para despertar nos estudantes o desejo pelo conhecimento. Sempre me preocupo em rever como os discentes se comportam no processo de ensino-aprendizagem e como é desafiador tornar as aulas atrativas numa sociedade em que a informação circula com exagerada rapidez e como o acesso a elas tem colaborado positiva e negativamente para a produção do conhecimento.

Outro desafio para os docentes, no pós-pandemia da Covid-19, foi prender a atenção dos estudantes, já que estes não conseguem mais permanecer atentos a algo que demore mais de dez ou quinze minutos de duração. A tecnologia pode ter colaborado para nossas atividades metodológicas, porém ainda se discute muito sobre como podemos usá-las a nosso favor na produção e disseminação de conhecimento científico.

Essa experiência prática pode proporcionar uma reflexão e um relembrar de todo o conhecimento e teorias abordadas no livro **Para ensinar e aprender geografia** (2007) de Nídia Nacib Pontuscka, Tomoko Iyda Paganelli e Núria Hanglei Cacete, tanto que o subtítulo do desenvolvimento deste artigo é uma associação do título do livro acima citado. As autoras nessa obra tratam de como a Geografia se torna ciência e disciplina escolar, bem como abordam sobre o ensino e aprendizagem dessa ciência e das representações e linguagens no ensino de Geografia.

A ordem invertida dos verbos “aprender” e “ensinar” no subtítulo desse trabalho em comparação com o livro acima citado, se dá pelo fato de que a obra referida foi produzida e é muito utilizada na formação de professores, logo, estes se preparam para “ensinar Geografia”, em contrapartida, os estudantes da educação básica estão no ambiente escolar com a ideia fixa de que ali se encontram apenas para “aprender”, como sendo apenas receptores de conhecimento e que não podem fazer parte de seu processo de aprendizagem, ou ainda que

não trazem consigo conhecimentos prévios que colaboram para todo o processo de ensino-aprendizagem.

É importante salientar que o conhecimento científico pode e deve ser mediado pelo docente para os estudantes, porém esse não é o único detentor de todo o conhecimento. Fazer com que o aluno se perceba conhecedor e capaz de produzir conhecimento se faz necessário no ambiente escolar, bem como, esse alerta pode despertar nos estudantes da educação básica o interesse pela pesquisa e produção acadêmica.

Com base nessas discussões e debates sobre como ensinar Geografia, como o conhecimento científico pode ser mediado para estudantes da educação básica e como colaborar para a formação de sujeitos críticos é que esta autora se propõe a partilhar essa experiência prática com turmas de 1º ano do Ensino Médio.

O ponto de partida é a construção de uma aprendizagem significativa no decorrer do desenvolvimento dos conteúdos programático do componente curricular, Geografia. E para isso deve-se levar em questão que os conhecimentos prévios dos estudantes são essenciais para que isso seja possível. Como afirmou Moreira (2012) “Aprendizagem significativa é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe.”

A produção do conhecimento se dá de forma ordenada e organizada, mas vale lembrar que o que o estudante já sabe e sua disponibilidade em aprender pode contribuir para essa construção. Considerar os conhecimentos prévios na construção de novos conhecimentos é o que Moreira (2012, p.3) por meio de seus estudos sobre a teoria de David Ausubel, sinaliza como aprendizagem significativa superordenada,

Esta forma de aprendizagem significativa, na qual uma nova ideia, um novo conceito, uma nova proposição, mais abrangente, passa a subordinar conhecimentos prévios é chamada de aprendizagem significativa superordenada. Não é muito comum; a maneira mais típica de aprender significativamente é a aprendizagem significativa subordinada, na qual um novo conhecimento adquire significado na ancoragem interativa com algum conhecimento prévio especificamente relevante.

Numa discussão mais geográfica o ensino também é tido como processual. A produção do conhecimento dessa ciência e a construção de um raciocínio geográfico com suas representações e linguagens específicas se dá de maneira processual. É o que Cavalcanti (1998, p. 25) fala em sua produção,

No entendimento que compartilho na linha de uma Didática Crítico-Social, o ensino é um processo de conhecimento pelo aluno, mediado pelo professor e pela matéria de ensino, no qual devem estar articulados seus componentes fundamentais: objetivos, conteúdos e métodos de ensino.

Os componentes fundamentais apontados por Cavalcanti (1998) são objetivos, conteúdos e métodos de ensino, os quais devem estar articulados no processo de ensino-aprendizagem. Levando em consideração estes componentes a prática docente deve estar bem estabelecida para que se obtenha o desejado conforme a corrente filosófica que se pretende seguir.

Os objetivos a serem traçados pelo ou pela docente devem estar de acordo com o que se pretende alcançar diante dos conteúdos programáticos e diante do que é proposto pelo componente curricular. Assim, o docente pode traçar o percurso de sua prática estabelecendo metodologias que possam contribuir de maneira eficaz para a formação dos educandos.

No contexto escolar umas das etapas que se tem considerado de tamanha importância é a avaliação da aprendizagem, mas muitas vezes ela é tida somente como instrumento quantitativo e de verificação dos resultados como classificatórios dos alunos em questão. O que não colabora de maneira significativa para a formação do sujeito crítico, já que, a avaliação deve ser compreendida como processual, formativa e contínua (LIBÂNEO, 2017; LUCKESI, 2011).

Tendo como premissa a avaliação como processo contínuo e a aprendizagem significativa como sendo possível por meio de caminhos devidamente planejados, teve-se esse processo de avaliação da II unidade com as turmas de 1º ano. Vale salientar que os conteúdos programáticos para esta série são os da Geografia Física, conteúdos mais ligados aos aspectos físico-naturais. Evidencia-se que as expressões/dicotomia entre Geografia Humana e Geografia Física são partes de uma mesma ciência e são inseparáveis. Não há como entender uma sem entender a outra e vice-versa. Como ressalta Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 161) “Essa fragmentação é importante porque se faz o recorte para aprofundar o conhecimento em determinada área, mas não pode ser tomada como parâmetro para o ensino fundamental e médio”.

Os estudantes foram orientados a escolherem um dos três instrumentos avaliativos disponibilizados em roteiro compartilhado em sala virtual (*classroom*), em formato word. A avaliação foi apresentada em sala de aula, bem como, a explicação de cada instrumento e de

como deveria ser executado pelos estudantes. Após apresentação dos instrumentos e da apresentação do roteiro de avaliação, foi apresentado o *template* do relatório de aula prática.

Os conteúdos foram explanados em aulas expositivas participativas, cada material usado para as explicações (slides) foram compartilhados com as turmas via *classroom*. Após as aulas teóricas com a docente de Geografia, as turmas foram em datas distintas para aula no Laboratório de Geologia para aula prática e aprofundada sobre os minerais e as rochas. Para essas aulas foram convidados dois docentes do campus, uma docente formada em Geologia e um docente Geofísico. Ambos se dividiram conforme disponibilidade de horário para atender as 4 turmas de 1º ano, em dias e horários de aula do componente Geografia.

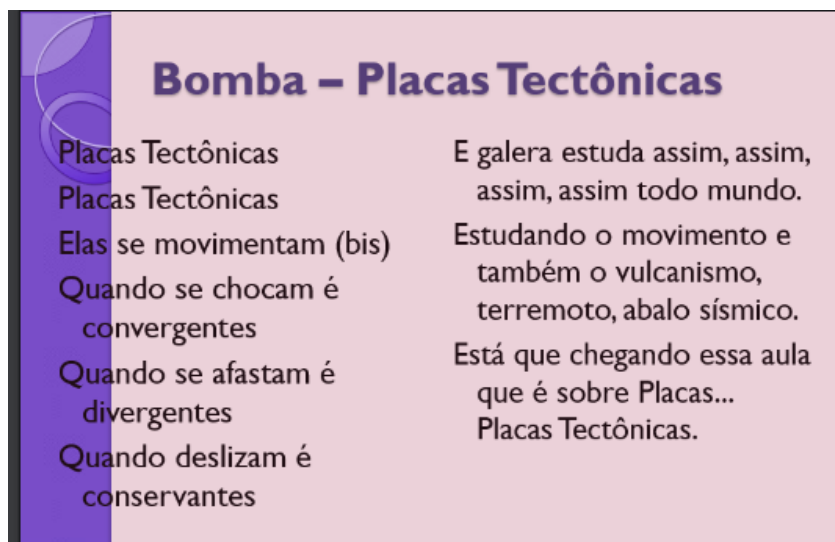
Levando em conta que antes das aulas expositivas do componente Geografia, os/as estudantes carregavam consigo conhecimentos prévios sobre os conteúdos, as aulas sempre se iniciavam com perguntas sobre algo que envolvia diretamente o conteúdo com o cotidiano desses estudantes, tais como: “Vocês conhecem o interior da Terra?”; “Alguém aqui já assistiu algum filme que mostra uma viagem até o interior da Terra?”; “Vocês tem em casa um cristal de quartzo?” “O quartzo é mineral ou rocha?”; “Vocês já ouviram falar em placas tectônicas?”; “Como e porque um vulcão entra em erupção?”; “Vocês já estudaram corrente de convecção na disciplina Física?”.

Em outros momentos as aulas são iniciadas com a expressão “vocês já viram esse conteúdo em outras séries da educação básica, mas hoje iremos relembrar e aprofundar”. A cada aula dada, o conteúdo abordado em aula anterior foi revisado com perguntas sobre o mesmo com direito a premiação para os alunos e alunas que respondessem a pergunta feita pela docente. Alguns estímulos se fazem necessários na sala de aula para que haja a participação sem receio de responder com uso da linguagem de maneira simplória. E aí cabe ao docente ressaltar o tempo todo, que toda resposta carrega em si um conhecimento prévio e acumulado, mas que ela pode ser bem mais elaborada com o uso da linguagem formal e específica de cada disciplina.

Durante toda essa trajetória foram observadas o interesse e a motivação dos/das estudantes. Em alguns momentos o desânimo é o que prevalece na sala de aula. Bem como o cansaço do corpo discente por ter inúmeras atividades avaliativas para serem executadas dos vários componentes ofertados e a cobrança contínua da memorização dos conteúdos por alguns docentes.

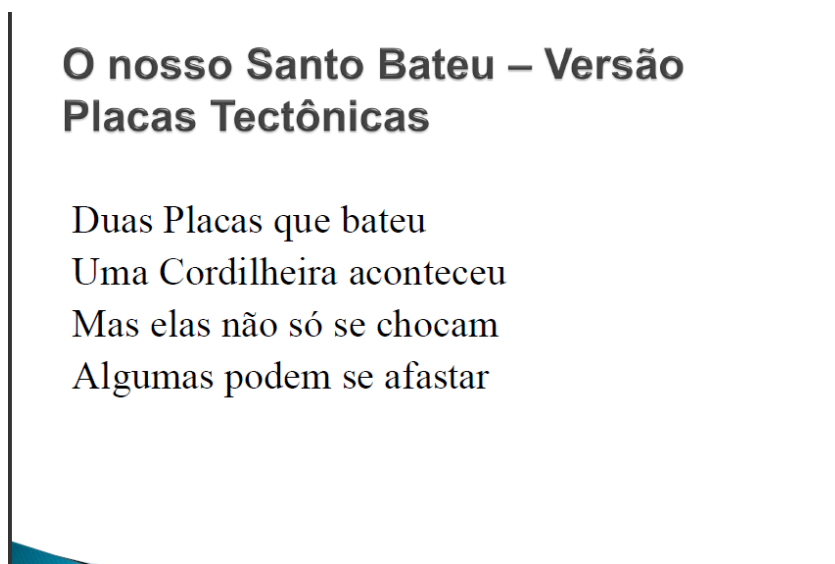
O estímulo realizado para eles foi a apresentação de duas paródias criadas por mim, para colaborar com a aprendizagem de dois conteúdos de Geografia, durante experiência em cursinho pré-vestibular¹ como pode ser observado nas imagens 01 e 02.

Imagem 02- Paródia I sobre Placas Tectônicas



Fonte: Stela de Jesus, 2017.

Imagem 02- Paródia II sobre Placas Tectônicas



Fonte: Stela de Jesus, 2017.

As imagens 01 e 02 são resultados de criação de paródias para tornar o ensino de Geografia mais dinâmico e descontraído. Essas duas paródias foram cantadas em sala de aula

¹ Experiência como professora de Geografia no cursinho Atuação, na cidade de Poções-BA, em 2017.

para as turmas de 1º ano, em 2023. Foi sinalizado para as turmas que em algumas músicas e poemas há a chamada “licença poética”, que permite o uso informal da Língua Portuguesa para que se possa ter um outro resultado, seja pela sonorização que se pretende criar ou outro efeito de arranjos de palavras. No caso das paródias acima, existe uma necessidade de encaixe de música original com as palavras escolhidas para a criação da paródia, sendo que esta precisa fazer sentido para compreender um determinado conteúdo.

A partir dessas orientações e motivações, alguns se empolgaram para a construção de paródias usando como base músicas dos artistas: Léo Santana, Chico Buarque, Seu Jorge, entre outros. A música mais usada como base foi “Posturado e Calmo” de Léo Santana que estava em auge, no referido ano. Essa música foi usada como base para as paródias pelas 4 turmas.

As apresentações das paródias, maquetes e relatório foram realizadas em data agendada com cada turma, e todo o processo de construção foi acompanhado. Mas também com a liberdade para que pudessem usar da criatividade e expor o que puderam aprender nesse processo.

Nas apresentações os/as estudantes se mostraram com bom domínio do conteúdo, explicado detalhadamente cada parte da maquete construída. Já nas apresentações das paródias, alguns se mostraram tímidos, mas logo se envolveram com o ânimo da turma, algumas duplas levaram violão e outras usaram playback da música original. Foram poucos estudantes que criaram o relatório, estes puderam aprender sobre: como organizar o conhecimento em texto, normas técnicas, citações e plágios.

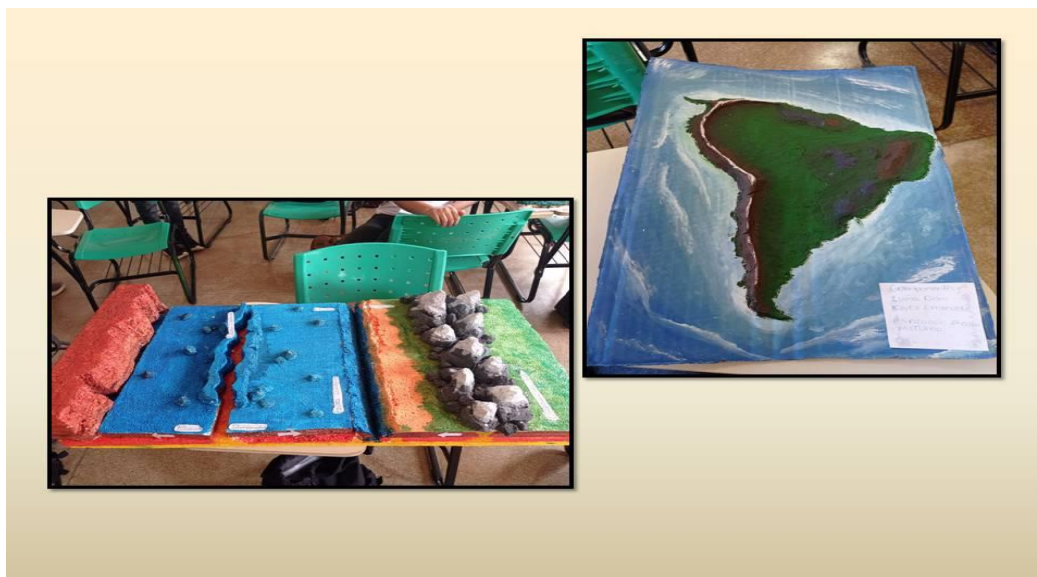
Esse contato dos alunos e alunas com a apresentação oral do que aprenderam e construíram, além de promover a aprendizagem significativa dos conteúdos de uma determinada disciplina, promove também o desenvolvimento de habilidades tais como: desenvolvimento da oratória; perda da timidez para apresentar em público; habilidade para pesquisar e elaborar produção exclusiva, tendo como base as produções acadêmicas.

Para a elaboração do relatório era solicitado citações de autores sobre definições de rochas e minerais, bem como, a anexação de imagem (obtidas pessoalmente no laboratório de Geologia) de rochas e minerais, com as devidas descrições para que pudessem ser diferenciadas.

Após as apresentações os/as estudantes foram convidados a fazerem uma autoavaliação de todo o processo de construção do instrumento avaliativo. Nessa avaliação eles poderiam pontuar o que consideravam pontos positivos e negativos nesse processo. Em

geral, as turmas pontuaram que embora tivessem aprendido com essa elaboração, tiveram gasto de tempo e gastos financeiros para construção das maquetes, impressão de relatório e da paródia. Nas imagens 03 e 04 podem ser observadas algumas maquetes do interior da Terra, relevo do Brasil, Placas tectônicas e estrutura geológica.

Imagem 03 – Maquetes produzidas por estudantes do 1º ano.



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

2665

Imagem 04 – Maquetes produzidas por estudantes do 1º ano.



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

Dos desafios encontrados no caminho pode-se destacar: a dificuldade em leitura e escrita; a procura de material pronto na internet; o medo pelo instrumento desconhecido ; a preocupação com a nota que será obtida em detrimento do conhecimento que será adquirido.

O processo de escrita é algo a ser desenvolvido pelos estudantes ao longo de sua trajetória tanto na educação básica quanto na superior. Mas é perceptível que a geração Z² tem demonstrado muita resistência à produção textual, bem como, tem demonstrado total desmotivação para a leitura de textos. E isso tem afetado significativamente a produção textual, afinal, é por meio do acúmulo de conhecimentos obtidos em leituras que se consegue a elaboração de textos com maior facilidade.

Dentre os poucos alunos que escolheram o relatório como instrumento a ser construído, um aluno com transtorno do espectro autista (TEA) se mostrou bem disposto a essa atividade e a executou com maestria. O que me trouxe uma reflexão sobre a inclusão realizada pela possibilidade de escolha feita pelos diferentes estudantes sobre com qual instrumento gostariam de serem avaliados, ou por qual instrumento se identificaram mais.

Além das dificuldades apresentadas pelos educandos e educandas, pode-se perceber que todo o material construído teve como base o isopor. Várias maquetes foram feitas de isopor, apenas duas foram feitas com papel e papelão (material que demora menos para se decompor). Todas as maquetes ficaram em exposição no hall de entrada da instituição por algumas semanas e em seguida não se sabia o que poderia ser feito com todo esse material. A quantidade de maquetes pode ser observada nas imagens 05 e 06.

² É a geração de nascidos de 1995 a 2009. cf em: <https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2023/05/28/geracao-x-millennials-babyboomer-entenda-o-significado-dos-termos.ghtml>.

Imagem 05 – Exposição de maquetes.



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

Imagem 06 – Exposição de Maquetes.



Fonte: arquivo pessoal, 2023.

As maquetes foram devolvidas para as duplas que a produziram, algumas foram doadas a professores da educação básica que solicitaram e outras foram descartadas. O que requer uma avaliação da metodologia, para que nas próximas os estudantes sejam orientados a produzirem com material reciclável ou de menor impacto ambiental, promovendo assim, uma reflexão sobre toda a etapa, desde a construção do conhecimento até a etapa final do que pode ser feito com o produto criado.

Pois, ensinar Geografia não se limita apenas à memorização de conceitos chave dessa ciência. Cabe também a formação de um sujeito crítico e pensante, capaz de analisar as

questões políticas, econômicas e sociais. Tanto quanto colaborar para a formação de um sujeito que se perceba interferindo direta e indiretamente na produção do espaço geográfico.

Considerações Finais

A prática docente requer um misto de teoria e prática indissociáveis que possibilitam ao docente a compreensão de seu papel enquanto professor-formador e/ou professor-mediador. Nesse percurso, reconhecer as metodologias que podem ser aplicadas para que se obtenham resultados esperados, são de extrema importância.

A avaliação deve ser entendida como parte intrínseca ao processo de aprendizagem, não apenas como instrumento para obtenção de notas para aprovação ou reprovação. Bem como, para obtenção de dados para índices educacionais. Se a avaliação for tida como processo ela é para ser contínua. Assim, o docente pode reavaliar sua prática, reavaliar as metodologias utilizadas e reformular sua práxis docente.

As atividades diferentes promovem uma interação maior dos estudantes com o docente, bem como, dos estudantes com demais colegas de turma e da escola. As práticas diversas, despertam um ânimo tanto nos que produzem a atividade quanto nos que observam o que foi produzido. Vale ressaltar que instrumentos distintos podem promover a aprendizagem significativa, afinal, cada estudante pode escolher o instrumento que melhor há a possibilidade de execução conforme suas habilidades e limitações.

A elaboração de um instrumento avaliativo pelo estudante promove nele a sensação de autonomia na construção de seu conhecimento tanto quanto o aproxima da pesquisa científica, o que o incentiva ao gosto pelo saber e pela atuação enquanto pesquisador.

Dessa maneira, disponibilizar instrumentos diferentes promove inclusão dos diferentes e nos convida a observar a sala de aula enquanto múltipla e diversa, rompendo com o estereótipo de que todos os estudantes são iguais e aprendem igualmente.

Toda prática docente pode ser reavaliada para se ter bons resultados e possa ter reflexão sobre ela. Não precisamos engessar instrumentos avaliativos, metodologias e recursos didáticos como sendo os únicos e eficazes. Cada professor pode se adequar conforme às demandas e necessidades apresentadas no âmbito escolar.

Referências:

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, São Paulo: Papiros, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOREIRA, Marco Antonio. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, 23 de abril de 2010. Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueefinal.pdf>. Acesso em: 14 Mar. de 2024.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

AUTORA:



Stela de Jesus

Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), especialista em Formação de Professores em Letras Libras (UNEB), licenciada em Geografia pela (UESB) e professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) – Campus Brumado. Email: stelajesus@ifba.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2529674730849716>